Anais de Artigos
VII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

“MÚSICA DE PRETO PRA PRETO”: A REPRESENTAÇÃO DA NEGRITUDE NO DOCUMENTÁRIO *RACIONAIS DAS RUAS DE SÃO PAULO PARA O MUNDO*[1]

“BLACK MUSIC FOR BLACK PEOPLE": THE REPRESENTATION OF BLACKNESS IN THE DOCUMENTARY *RACIONAIS DAS RUAS DE SÃO PAULO PARA O MUNDO*

Matias Miguel Araujo Paladea[2]

Palavras-chave: Documentário Musical, Negritude e Racionais MC's.

Resumo: Este artigo é fruto de meu trabalho de conclusão de curso, que tem como objetivo analisar a representação da negritude no documentário Racionais: das Ruas de São Paulo para o Mundo, dirigido por Juliana Vicente e lançado em 2022 pela plataforma de streaming Netflix. O filme narra a trajetória do grupo de rap Racionais MC 's, destacando sua influência cultural e social. Para a análise, foi usado o método de análise fílmica, com base nas abordagens de Jacques Aumont e Michel Marie(2013), e Francis Vanoye e Anne Goliot Lété(2002). O referencial teórico se fundamenta no conceito de identidade na pós-modernidade proposto por Stuart Hall(2014), na construção da negritude, para isso usarei os autores Abdias Nascimento(2016) Kabengele Munanga(2012) e a dissertação do pesquisador Gustavo Durão(2011).

[1] Trabalho apresentado ao VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. POSCOM-UFSM e ECA-USP.
[2] Jornalista e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (POSCOM) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Anais de Artigos
VII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

Linha: Mídias, Mutações Sociossimbólicas e Sociotécnicas E-mail: matias.araujo@acad.ufsm.br

Abstract: This article is the result of my final project, which aims to analyze the representation of Blackness in the documentary "Racionais: From the Streets of São Paulo to the World," directed by Juliana Vicente and released in 2022 by the streaming platform Netflix. The film narrates the trajectory of the rap group Racionais MC's, highlighting its cultural and social influence. For the analysis, the film analysis method was used, based on the approaches of Jacques Aumont and Michel Marie (2013), and Francis Vanoye and Anne Goliot Lété (2002). The theoretical framework is based on the concept of identity in postmodernity proposed by Stuart Hall (2014), in the construction of Blackness. For this, I will use the authors Abdias Nascimento (2016) and Kabengele Munanga (2012) and the dissertation of researcher Gustavo Durão (2011).
Keywords: Musical Documentary, Black Identity e Racionais MC's.

INTRODUÇÃO

Este artigo busca fazer uma análise do documentário Racionais: Das Ruas de SP para o Mundo lançado em (2022), o filme narra a trajetória do grupo de rap brasileiro e traz cenas inéditas gravadas ao longo dos mais de 30 anos de carreira, além de entrevistas exclusivas, e reforça o impacto e o legado dos músicos, desde os primeiros shows nas ruas de São Paulo.

O filme foi escrito e dirigido pela diretora e fundadora da Preta Portê Filmes, Juliana Vicente, e suas produções têm um foco para temas com relevância social e artística, com narrativas de pessoas negras, indígenas e LGBTQIAPN+.

O documentário Racionais: das Ruas de São Paulo para o Mundo é uma produção da plataforma de streaming Netflix em colaboração com Preta Portê Filmes, tendo a participação da Boogie Naipe (produtora dos Racionais) e da Cosa Nostra

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

Fonográfica (gravadora do grupo). O filme contém depoimentos dos próprios integrantes (Mano Brown, Edi Rock, KL Jay e Ice Blue), além de amigos, familiares e produtores musicais. Evidencia a colaboração entre o Movimento Negro Unificado (MNU) e o grupo, destacando a importância do Racionais MC's na conscientização e mobilização da juventude negra pereférica. O documentário também explora o impacto cultural e social da música nos jovens negros, principal aspecto que interessa a este estudo .

Os Racionais MC's surgiu no final da década de 1980 em São Paulo, época em que o Brasil vivenciava uma transição política, o país estava saindo de uma ditadura militar que durou 21 anos e entrava em um período de redemocratização. A mudança na economia brasileira foi marcada por crises, hiperinflação, aumento das desigualdades sociais e o rap brasileiro surgiu nesse contexto.

Nesse cenário, os Racionais MC 's se destacaram como um grupo musical de rap que abordava de maneira crua e direta as questões enfrentadas pela população negra e de baixa renda no Brasil, suas primeiras letras abordavam a realidade das periferias, a violência policial, o racismo, a desigualdade social e as dificuldades enfrentadas pela juventude negra.

Os streamings, nos últimos anos, têm apostado nas histórias da cena do rap nacional e internacional, alguns exemplos são: Notorious B.I.G. - A Lenda do Hip Hop (Netflix) e The Defiant Ones (HBO Max), e atualmente está sendo produzido um reality show brasileiro de rap chamado Nova Cena (Netflix). De acordo com a pesquisadora Natalia Rueda Pinilla, a cena do RAP nos últimos anos têm um aumento nos registros documentais.

> Deste conjunto de universos musicais, o rap é talvez um dos mais registrados em documentários que costumam destacar a relação entre a luta da juventude nas periferias e o discurso político e social produzido através da música. (PINILLA,2013, pág 24)

Esta pesquisa se fundamenta-se no conceito identidade na pós-modernidade proposto por Stuart Hall (2014), tendo essas abordagens teóricas como essenciais para compreendermos a construção da identidade cultural, além de nos ajudarem a explorar como o rap, enquanto expressão cultural, reflete e ressignifica as experiências de um

Anais de Artigos
VII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

grupo marginalizado, na construção da negritude utilizarei os teóricos Abdias Nascimento (2016), Léopold Sédar Senghor, Aimé Césaire, Léon Damas atráves da dissertação de Gustavo Durão (2011) e Kabengele Munanga (2012). O estudo proposto tem como objetivo principal investigar como se dá a construção da negritude no documentário Racionais: das Ruas de São Paulo para o Mundo.

Este artigo, portanto, se propõe a contribuir para a compreensão das complexidades envolvidas na representação cultural negra no audiovisual contemporâneo, em especial no campo do documentário.

1.1 ORIGEM DO HIP-HOP E A NEGRITUDE

A história do hip hop começa na década de 1970 no *Bronx*, um bairro de *Nova York*, nos Estados Unidos, movimento que surgiu como uma resposta cultural às condições sociais e econômicas difíceis da época. O *DJ Kool Herc*, imigrante jamaicano, é frequentemente creditado como um dos fundadores do movimento ao popularizar a técnica do *breakbeat*[2] em festas, assim como os *DJ Grandmaster Flash* e *DJ Afrika Bambaataa* começaram a manipular discos em festas, criando novos sons e ritmos, neste contexto, e ficaram conhecidos como os denominados “mcs”, ao começarem a rimar sobre essas batidas.

O Hip-Hop é um movimento cultural que abrange quatro áreas: dança (Breaking), grafite e a música (DJ e Letrista), chamada também de rap *Rhythm and Poetry (em tradução livre: Ritmo e Poesia).* A música é caracterizada por fazer uso de rima e poesia na sua composição.

Seu surgimento nos Estados Unidos e no Brasil está profundamente ligado aos contextos culturais, sociais e econômicos de ambos os países, refletindo as realidades vividas pela comunidades negras que, em sua maioria, estão nas periferias das cidades e convivem com o desemprego, a falta de políticas públicas e a ausência de serviços básicos, violência policial e falta de oportunidades de estudos. Segundo a pesquisadora Joyce Abbade.

Anais de Artigos
VII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

> O hip-hop surge, portanto, como fôlego para os moradores daquela região precarizada, que viviam uma realidade dura de abandono, exposição à violência urbana, segregação geográfica, segregação racial e pouca disponibilidade de espaços destinados à diversão, esporte e cultura (ABBADE, 2022, pág.61)

Este cenário social foi o ambiente propício para a expressão de revolta e denúncia social que se tornou o rap, sendo uma voz para expressar a realidade dessas comunidades, abordando temas como racismo, pobreza, violência e o tráfico e consumo de drogas. De acordo com Guimarães,

> Ao criar um discurso em primeira pessoa, territorialmente localizado, mas cuja amplitude é global, os jovens excluídos das periferias de todo o mundo criam uma narrativa que possibilita a construção de uma identidade que os une a partir de sua realidade e não em uma idealização, como as referências à identidade nacional pretendiam construir. E que ganha universalidade porque a própria exclusão tornou-se parte integrante dessa identidade.
> (GUIMARÃES, 2007, pág. 183-184)

No Brasil, o rap se tornou também um ponto de conexão entre as comunidades negras e o Movimento Negro Unificado (MNU), desempenhando um papel crucial na construção de uma identidade coletiva e na luta contra o racismo. De acordo com Mano Brown, integrante do grupo Racionais MC's, no documentário *Racionais: Das Ruas São Paulo para o Mundo*, a música foi uma ponte entre a juventude das periferias e o movimento negro organizado. "Os Racionais tinham acesso a esses jovens, e a coisa começou a acontecer", afirma Brown, destacando o papel do rap na educação e conscientização sobre as questões raciais.

Para Abdias Nascimento (2016), o racismo brasileiro é discriminação velada, mais difícil de identificar do que o racismo explícito dos Estados Unidos ou o apartheid da África do Sul, mas igualmente profundo e institucionalizado. Para Abdias Nascimento (2016), a "democracia racial" brasileira é uma metáfora para um racismo velado, presente nas esferas governamentais e no tecido social, psicológico e cultural do país (NASCIMENTO, 2016).

Abdias Nascimento (2016), também argumenta sobre a construção da identidade negra no Brasil, que se deu por meio de várias manifestações culturais que buscam afirmar

Anais de Artigos
VII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

a negritude, em 1944, por exemplo, o próprio Abdias Nascimento funda o Teatro Negro Experimental (TEN) para resgatar os valores da cultura africana e romper com os papéis estereotipados atribuídos aos negros no teatro brasileiro.

A negritude é um movimento cultural e literário que surgiu na década de 1930, buscando afirmar a identidade negra em resposta ao colonialismo e à opressão. Surgido nas colônias francesas, seus principais representantes incluem Léopold Sédar Senghor, Aimé Césaire e Léon Damas. A negritude engloba desde a conscientização do "ser negro" até valores morais, espirituais e psicológicos do povo negro. De acordo com Ligia Ferreira,

> Conscientização, atitudes, sentimentos, posições políticas, valores morais, espirituais, psicológicos: os sentidos a que remete négritude perturbam toda investigação sobre a origem de fenômenos que pré-existiam à criação da palavra, genialmente cunhada por Césaire. (FERREIRA,2006,pág.172)

De acordo com o pesquisador Gustavo Durão (2011), em primeiro momento os autores Léopold Sédar Senghor, Aimé Césaire e Léon Damas, buscam firmar a negritude como um movimento intelectual e literário no meio acadêmico, como complementa a pesquisadora Lígia Ferreira ao afirmar "que os textos e autores da negritude eram temas de críticas ou resenhas que circulavam nos meios intelectuais ou universitários forçosamente restritos" (FERREIRA,2021,PÁG.8).

A negritude enfatizava a importância da cultura africana contra a cultura dos colonizadores, promovendo a autoestima entre os negros e auxiliando na luta contra o racismo. Os autores Léopold Sédar Senghor, Aimé Césaire e Léon Damas, usaram a poesia e a prosa para expressar suas ideias sobre a beleza da cultura africana, a negritude como identidade e resistência ao colonialismo.

> Em menor escala pode-se dizer que o projeto da Negritude era utilizar a "arma do colonizador", o francês, para expressar seus traços culturais (poesia, música, dança) em resposta à "assimilação cultural" francesa.
> (DURÃO,2011,pág. 60)

O movimento teve um impacto significativo na literatura e nas lutas sociais, influenciando movimentos de descolonização e direitos civis em diversas partes do

Anais de Artigos
VII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

mundo. A negritude não é apenas uma reação ao racismo, mas uma afirmação positiva da experiência negra. É essencial reconhecer e valorizar a contribuição cultural dos negros nas mais diversas regiões do mundo, essa valorização é uma forma de resistência contra as narrativas coloniais, aumentado a auto-estima da pessoa negra, na visão de Durão,

> Por hora pode-se afirmar que a maior luta dos intelectuais era contra a alienação do negro em relação a si mesmo e do resto do mundo em relação às disparidades que ocorriam com os povos negros em vários pontos do globo.(DURÃO,2011,pág. 65)

Kabengele Munanga, antropólogo e pesquisador brasileiro de origem congolesa, também abordou a questão da negritude, focando na construção da identidade negra no Brasil. De acordo com Kabengele Munanga (2012), há dois pontos principais no processo de reconstrução da identidade coletiva negra brasileira: primeiro, resgatar a historiografia, e, segundo, pela cultura.

Então, o processo de resgate da historiografia se faz somente;

> …desconstruindo a memória de uma história negativa que se encontra na historiografia colonial ainda presente em "nosso" imaginário coletivo e reconstruindo uma verdadeira história positiva capaz de resgatar sua plena humanidade e autoestima destruída pela ideologia racista presente na historiografia colonial. (MUNANGA, 2012,pág.10)

Além da historiografia, o resgate da negritude passa pela cultura. Segundo Kabengele Munanga é preciso problematizar que;

> No imaginário coletivo, acredita-se que os africanos foram trazidos aqui depois de sua captura, apenas como primitivos que chegaram "nus" acorrentados e, como todos os primitivos, não trouxeram nada ao Brasil que importasse para ser considerado como uma contribuição digna de nome. No entanto, os aportes culturais africanos fazem parte do cotidiano de todos os brasileiros: culinário, artes musicais, visuais, religiões populares, breve, estão presentes na maneira de ser brasileiro e brasileira. (MUNANGA 2012,pág.11)

Esse aspecto nos remete a pensar com Stuart Hall (2014), para quem a identidade cultural é algo em constante formação e negociação. Esse entendimento é relevante para compreendermos como o rap brasileiro articula as identidades periféricas e negras em um país marcado pela desigualdade racial e social, desafiando a narrativa dominante e criando novas formas de resistência.

Anais de Artigos
VII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

A ideia de identidade no pós-modernidade é algo fluido, construído socialmente, em vez de fixo, na visão de Stuart Hall (2014). Mas o autor argumenta que a identidade não é algo próprio, mas sim moldado por processos culturais e históricos, uma vez que;

> Esse sujeito da modernidade tardia celebra a identidade "móvel", pois o indivíduo "assume identidades diferentes em diferentes momentos", esse deslocamento constante torna a identidade plenamente unificada, segura e coerente como uma fantasia, não mais possível de ser atingida ou alcançada nos dias atuais (HALL, 2014, p. 12.)

O sujeito da modernidade tardia de Stuart Hall nos oferece uma abordagem crucial para compreender a identidade cultural como algo dinâmico e multifacetado, especialmente ao analisarmos a cena do rap brasileiro, essa fluidez da identidade é evidente, uma vez que o gênero se adapta e responde tanto às especificidades locais das periferias brasileiras quanto ao movimento global de resistência e afirmação cultural.

A identidade não é mais vista como algo fixo, mas como um processo contínuo de negociação e construção, que reflete as complexas realidades sociais, históricas e culturais em que está inserida. A ideia de uma identidade móvel, que se constrói e se desconstrói ao longo do tempo, reflete não apenas a experiência do indivíduo no cenário da modernidade tardia, mas também as transformações vividas por coletivos que, ao se posicionarem contra as narrativas dominantes, criam novas formas de existir e resistir.

2. DESVENDANDO O FILME: CAMINHOS METODOLÓGICOS PARA ANÁLISE DO DOCUMENTÁRIO *RACIONAIS: DAS RUAS SÃO PAULO PARA O MUNDO*

A análise de um filme, como proposto por Aumont e Marie (2013), deve começar pela compreensão das escolhas técnicas e estéticas que compõem a obra fílmica. Para esses autores, a decupagem do filme, ou seja, a divisão do filme em fragmentos menores como planos e sequências, é fundamental para entender como a narrativa é construída. A montagem, por sua vez, é o processo responsável por dar sentido a essa narrativa, interligando as partes e criando uma estrutura coesa.

Anais de Artigos
VII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

A análise técnica não se limita apenas à montagem, mas também envolve a avaliação de aspectos estéticos, como a utilização da luz, cor e profundidade de campo. Esses elementos são essenciais para a criação de significados no filme, pois, através deles, o diretor pode evocar emoções, destacar certos elementos da cena ou sugerir subtextos que não são explícitos na trama. Aumont e Marie (2013) afirmam que, ao analisar um filme, é preciso observar como essas escolhas estéticas funcionam dentro da obra, pois elas são fundamentais para a construção da mensagem visual do filme.

Aumont e Marie (2013) destacam que a análise fílmica não pode ser dissociada do tempo e do espaço em que a obra se insere, o filme é, portanto, um produto cultural de sua época e deve ser compreendido como tal.

O primeiro passo para a análise de um filme é a identificação dos elementos técnicos e estéticos, isso envolve observar como o diretor utiliza o enquadramento, os planos e a montagem para construir a narrativa e também atentar para o uso da luz, cor, profundidade de campo e outros aspectos visuais que ajudam a transmitir a mensagem do filme. No caso do documentário sobre os Racionais, por exemplo, é possível perceber como a escolha de planos fechados e a iluminação mais sombria ajudam a criar uma atmosfera intimista.

O som é um componente crucial na construção da narrativa cinematográfica, os diálogos e a música têm uma função narrativa importante, pois ajudam a contextualizar e a intensificar os temas abordados no filme, como a luta contra as desigualdades sociais e o protagonismo da periferia.

A análise da representação é uma etapa essencial na compreensão de como o filme constrói seus personagens e os mundos que eles habitam. Como Vanoye e Goliot Lété (2002) ressaltam, a representação não é neutra em um filme, pelo contrário, ela sempre carrega as escolhas do diretor que são influenciadas pelas questões sociais e culturais da época em que o filme foi produzido.

Por fim, a análise fílmica deve buscar entender a mensagem que o filme transmite e seu impacto social. No caso do documentário, a obra não só retrata a história de um

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

grupo de rap, mas também aborda questões mais amplas, como a desigualdade social, a luta antirracista e o papel da cultura periférica na construção da identidade.

Francis Vanoye e Anne Goliot Lété (2002) acrescentam uma camada importante à análise fílmica ao enfatizarem a importância da linguagem cinematográfica como base para a construção da narrativa. Para eles, a compreensão de conceitos como plano, enquadramento, som e cor é essencial, mas não suficiente. É necessário também considerar as escolhas de representação, que envolvem a forma como o diretor opta por mostrar personagens, cenários e ações. Essas escolhas não são neutras e refletem valores, ideias e tensões sociais de sua época.

O documentário *Racionais: Das Ruas de São Paulo para o Mundo* é um exemplo claro de como a representação no cinema pode ser utilizada para transmitir uma visão crítica e engajada da sociedade. Ao abordar a trajetória de um grupo que nasceu na periferia e foi moldado por ela, o filme não apenas documenta a ascensão de um fenômeno cultural, mas também serve como uma reflexão sobre a luta de classes, o racismo estrutural e a resistência da juventude periférica.

2.1 RACIONAIS: DAS RUAS DE SÃO PAULO PARA O MUNDO; UMA ANÁLISE

O filme foi escrito e dirigido pela diretora e fundadora da Preta Portê Filmes, Juliana Vicente, a diretora já tinha trabalhado com o Racionais, no videoclipe *Mil Faces de um Homem Leal – Marighella,* vencedor do clipe do ano no *VMB (MTV, 2012).* O documentário *Racionais das ruas de São Paulo pro Mundo (2022)* conta com os depoimentos dos quatro integrantes dos racionais (Edi Rock, Ice Blue, KL Jay e Mano Brown), além deles Eliane Dias (empresária do grupo), Meire de Jesus (Produtora do grupo), Luis Serafim (Produtor), Dexter (Rapper e amigo do grupo) e Dona Lourdes (Mãe do Ice Blue), com participações especiais de Silvio Benedito Nunes, Ronaldo Gama, IYA Edith de Oxóssi.

Anais de Artigos
VII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

Juliana Vicente em entrevista à revista *ELLE Brasil* (2022) disse que o filme "Tem um foco importante na questão racial. Independentemente de geração, a gente vem de algo que transcende esse tempo e que ainda tem uma necessidade de falar, ao mesmo tempo em que o Racionais já está apontando o futuro faz muito tempo". Nessa fala, Juliana deixa claro que os Racionais são um produto do meio que eles vivem, uma voz que denuncia a violência a qual a população negra ainda é a maior vítima no Brasil. O documentário vai trazer esse debate à tona sobre a violência, em suas diferentes formas contra o povo negro periférico.

O documentário narra o surgimento dos Racionais MCs, suas primeiras gravações, e o crescente impacto que tiveram na periferia. A violência policial é retratada não apenas como um problema local, mas como um reflexo de uma estrutura racista que ainda permeia as instituições brasileiras, e a música do grupo foi e ainda é uma voz para confrontar esse sistema. Logo nas primeiras gravações dos Racionais no LP *Consciência Black* e no disco *Raio X do Brasil,* músicas como *Pânico na zona sul e Racistas Otários* refletem a reação de uma comunidade cansada de ser criminalizada e oprimida.

No filme os planos escolhidos das entrevistas são predominantemente, plano médio, mas se alterna com um *close*, criando uma atmosfera íntima, alternando com momentos em que o cenário se abre um pouco mais, mas sempre mantendo o fundo preto e uma poltrona, sugerindo a ideia de um divã. Essa composição visual remete ao fato de que o grupo, ao longo de sua trajetória, concedeu poucas entrevistas à mídia tradicional como assistimos no documentário, e que dessa vez eles estão abertos falarem sobre tudo, incluindo o acidente de carro do músico Edi Rock no qual vitimou uma pessoa, ou sobre o show na Virada Cultural de São Paulo de 2007 que acabou em conflito com a polícia, sendo que o grupo ficou um tempo sem poder tocar a céu aberto em São Paulo.

O filme se utiliza de *close* particularmente em momentos em que o assunto abordado é mais pessoal, seja relacionado à história do grupo ou à experiência individual dos integrantes. Também é usado nas falas de episódios como racismo e violência policial.

Anais de Artigos
VII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

O plano conjunto é usado para tratar de assuntos mais leves, e mostra tanto os detalhes da expressão facial quanto parte do contexto do ambiente, sem perder a interação entre o sujeito e o fundo. É um dos enquadramentos mais comuns em diálogos ou cenas onde a comunicação entre os personagens é crucial, pois permite um equilíbrio entre a proximidade emocional e as informações visuais do ambiente.

Há também um cenário num estúdio de gravação em que contém discos na parede, a vitrola ao fundo. O estúdio de gravação foi escolhido pelo fato de ser um lugar onde os membros do grupo se sentem mais confortáveis já que o estúdio foi a locação escolhida para traduzir o sentido de grupo, de coletivo da banda, é onde eles se reencontram. Neste cenário são feitas cenas coletivas com os quatro integrantes, eles estão nas poltronas e com uma mesa de centro, ali os quatro refletem as suas histórias nas discografias do grupo.

Uma das cenas que mais nos chama a atenção é o grupo vendo o mapa do continente africano e falando a respeito de ancestralidade, na ocasião o rapper Mano Brown comenta sobre onde venho seus ancestrais " os ancestrais da minha mãe vieram tudo daqui do leste da África … nessa região toda aqui e do Benin".

O documentário *Racionais MC's das ruas de São Paulo para o Mundo* tem início com cenas dos quatro integrantes dos Racionais MCs no palco, durante um show. Os músicos estão com o punho cerrado, enquanto se ouve ao fundo a fala do rapper Mano Brown: "Pra você que não virou comida de tubarão". O punho cerrado é usado como símbolo do movimento negro e a fala evoca a ideia de resistência e sobrevivência, conectando o grupo com a plateia que também levanta o punho, especialmente as pessoas das periferias, que convivem com a violência e a morte. Essa introdução estabelece imediatamente a mensagem central do filme: a música e a cultura do rap como ferramentas de afirmação de identidade e resistência contra a violência.

Após às imagens dos músicos dos Racionais MC's e do seu público de punho fechado no show, vemos imagens de jornais antigos que evidenciam a violência nas periferias de São Paulo como em Capão Redondo, onde surgiu os Racionais. Por outro

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

lado, na mesma sequência que abre o documentário, a diretora intercala com cenas de dança, grafite e música, imagens que simbolizam a dualidade da experiência periférica e do contexto em que surge os Racionais, ou seja, o cotidiano marcado pela brutalidade policial e o refúgio na expressão cultural oferecido pelo hip-hop.

Na cena seguinte, a diretora segue o mesmo padrão, enquanto os integrantes falam sobre ter crescido no meio da violência, em umas das cenas o rapper Ice Blue comenta que "sempre tinha um cadáver no campinho", referindo-se ao campinho em que jogavam futebol e à normalização da violência na vida cotidiana da periferia.

Essa violência é contrastada com imagens de arquivo das mães e dos integrantes frequentando um terreiro de candomblé, uma vez que resgatar a negritude passa também pelo respeito e valorização das religiões de matriz africana. O candomblé é uma forma que os negros têm de sair um pouco do contexto de violência e conectar com um passado ancestral com a força de uma cultura que tenta resistir ao apagamento.

A segunda sequência selecionada para análise demonstra o impacto imediato das músicas do Racionais como uma voz da denúncia dessa violência nas periferias. Ouvimos a música *Pânico na Zona-Sul* com imagens de arquivos da época com cadáveres sendo recolhidos e cenas da violência policial que retratam a denúncia da letra da música. Na música, o grupo enfatizava que o causador dessa violência era o próprio Estado. Essa sequência também denuncia que o grupo depois do lançamento do álbum *Holocausto Urbano* ainda conviva com a violência policial.

A próxima cena analisada são as falas do rapper Edi Rock e do DJ KL Jay que reforçam que o grupo tem uma missão de levantar a autoestima da juventude negra, comentam sobre usar o cabelo black, as roupas, indicando que a missão do grupo vai além do sucesso musical, trata-se de um movimento de empoderamento social, político e, principalmente, da valorização da identidade negra.

A cena mostra a juventude negra se identificando com os posters, discos e roupas dos artistas nos shoppings do centro da cidade e destaca o papel fundamental da música e da estética hip-hop na construção de uma nova identidade para os jovens

Anais de Artigos
VII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

periféricos. O hip-hop não era apenas um estilo musical, mas uma forma de se afirmar social e politicamente, uma maneira de resistir à invisibilidade, que começou com os bailes blacks no centro de São Paulo onde os jovens negros de diferentes bairros iam até o centro, sendo que antes não ocupavam esse espaço.

Nesta sequência, o filme aborda o surgimento dos bailes black e o início da ascensão do hip-hop no Brasil. A construção dessa cena como uma reunião de diferentes grupos sociais ao redor da música é significativa, pois o hip-hop se configura como um ponto de união para a juventude negra de São Paulo.

Na fala do rapper Mano Brown sobre ir para o centro e se sentir no Harlem em Nova York, remete ao universo Hip-Hop que já vinha se consolidando nos Estados Unidos, onde a música e os vídeos de artistas negros estavam chegando ao Brasil. O músico ainda comenta que ia sem nenhum dinheiro para o centro e se alimentavam de luzes das vitrines, e via os negros se identificando com os posters, disco, com os cabelos. Era o que os alimentava, era um ritual para aqueles jovens.

A próxima cena analisada são manchetes de jornais da época, principalmente da Folha de São Paulo, com a preocupação da diminuição da população branca e o aumento da população negra. O tom de "preocupação" dos jornais com o aumento da população negra é um reflexo das estruturas racistas que viam essa mudança demográfica com hostilidade. Ao mesmo tempo há imagens de arquivo que mostram a aproximação do MNU com os Racionais para conscientizar a juventude negra sobre sua identidade e direitos. Uma estratégia importante para a mobilização social com apresentação do grupo em comícios do MNU, e temos nesta cena uma fala do Mano Brown sobre como racismo esvaziou o preto e tirou até o ódio, e agora os pretos estão se unindo, ocupando territórios, fazendo um movimento em massa pelo resgate e pelo orgulho de ser negro.

Ao decorrer dessa sequência somos informados de que o grupo lançou o álbum *Raio X do Brasil,* e vemos cenas de arquivo de uma apresentação do grupo com a plateia cantando a música *Fim de Semana no Parque.* A letra faz um contraste com as atividades de lazer dos ricos e dos pobres, em que expõe a realidade das periferias e a falta de oportunidades e infraestrutura ao mesmo tempo que contrasta com a abundância e o

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

desperdício das áreas mais ricas da cidade. O interessante nessa cena é que nas imagens é possível ver o público cantando com vigor a música, especialmente o trecho "*Olha só aquele clube que da hora, Olha o pretinho vendo tudo do lado de fora".*

Fim de Semana no Parque foi uma das músicas que ajudou a popularizar o grupo, junto com *Um Homem na Estrada,* que aborda a consequência da infância roubada retratada na primeira canção. Enquanto *Fim de Semana no Parque* narra a história de jovens que enfrentam a perda da infância, *Um Homem na Estrada* conta a trajetória de um ex-presidiário que tenta reconstruir sua vida em liberdade e oferecer um futuro melhor ao seu filho.

As imagens de arquivo dos Racionais dando autógrafos em *shoppings* e a juventude negra com camisetas estampando o orgulho de ser negro representam a vitória do grupo em se tornar ícone de uma nova geração que se vê representada na cultura hip-hop. A música e a estética dos Racionais, que sempre foram ligadas à periferia e à luta, agora chegam ao centro da cidade e alcançam as camadas mais amplas da sociedade, criando uma identificação massiva com a juventude negra.

O documentário destaca o lançamento do disco *Sobrevivendo no Inferno (1997)*, um marco na história da música brasileira, segundo o rapper Mano Brown "todas as músicas desse álbum fizeram sucesso". O disco fortaleceu o rap no Brasil ganhando o prêmio de melhor videoclipe com a música *Diário de um detento*.

O rapper Ice Blue, neste momento do filme, comenta sobre o preconceito que existia na época com o rap: "Vários caras falaram que rap não era música, mas é o seguinte, o Racionais tem uma missão e não vai parar, a nossa música é da periferia e a música dos pretos de preto pra preto, os quatro preto favelado, mas é o seguinte agora nós temos a voz."

Ao mesmo tempo que o disco foi sucesso comercial e de crítica, na fala dos integrantes esse álbum serviu para aproximar o rap do meio acadêmico. Um exemplo é que o disco virou leitura obrigatória no vestibular da UNICAMP em 2018 e o grupo também ganhou da UNICAMP o título de *Doutor Honoris* em 2023. Mas, por sua vez, o sucesso do disco afastou as periferias do grupo, de acordo com o rapper Mano Brown "Eu

Anais de Artigos
VII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

vou te falar que o disco que mais afastou a gente da favela foi o sobrevivendo no inferno, o povo da faculdade que amou aquilo lá".

Para mostrar o sentimento de angústia que o grupo sentia na época do lançamento do disco *Sobrevivendo no Inferno,* a diretora do documentário optou por cenas do grupo em um cenário escuro e degradado, refletindo a ideia de que, apesar da ascensão social dos Racionais, eles ainda estavam "sobrevivendo no inferno", ainda enfrentavam a violência, a exclusão e a luta pela sobrevivência cotidiana. A estética de um cenário mais frio e com planos desfocados transmite a sensação de um mundo caótico e opressor, que, apesar do sucesso do grupo, não se modifica completamente.

Uma fala do rapper Ice Blue caracteriza bem esse sentimento de não pertencimento do homem negro a certos espaços sociais, segundo o músico Ice Blue, sem perceber ele foi perdendo sua negritude, apesar de não ter saído da periferia, "Uma das coisas que eu gosto de fazer é comer, eu gosto de ir nos restaurantes, e nos restaurantes de são paulo, negro não frequenta, e o blue vai, quando eu percebi, que estava de cabelo cortadinho, todo padrão, falei porra mano, vou deixar meu cabelo crescer, quero fazer minhas tatuagens, não quero deixar esses caras com a vontade com a minha presença..."

Após o final da turnê do disco *Sobrevivendo no inferno* há um hiato do grupo, porque estavam acontecendo muitas brigas e mortes de pessoas durante os shows dos Racionais. Com o lançamento do disco *Nada como um dia após o outro dia (2002)* o grupo tinha voltado às suas raízes, ou seja, para o candomblé, o futebol no campinho e se conectado com a juventude periférica novamente. Segundo relatam no filme, encontraram uma periferia mais ativa com orgulho de sua negritude.

O grupo percebeu que além de ser voz para as periferias através da música, eles tinham o papel de mostrar os heróis negros para a comunidade, e isso se deu com o lançamento da música *Mil Face de um Homem Leal – Marighella*. No documentário, a montagem fecha essa lógica argumentativa com o depoimento da empresária do grupo, Eliane Dias, que relata que os Racionais dão confiança aos pretos e aumentam sua autoestima. Na visão da empresária, "Os racionais ao meu ver eles fazem essa quebra, da falta de autoestima, da falta de coragem mesmo, e faz com que a gente tenha coragem de

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

vai e faz, eu posso fazer e vou lá e faço, isso aconteceu comigo e com muita gente, eu ouço isso diariamente "olha o racionais mudou a minha vida", "eu fui estudar porque eu ouvi os racionais"..."

A diretora decide finalizar o documentário trazendo falas, imagens e reportagens da crescente violência no Brasil fazendo um retrato da realidade de uma juventude negra no contexto de produção do filme, e não sobre a música do Racionais.

Quando vemos um documentário musical, normalmente, no final é mencionado que as bandas estão fazendo grandes turnês ou se uniram novamente e etc. No caso do documentário, *Racionais MC's das ruas de São Paulo para o Mundo*, nota-se que a diretora encontra na trajetória do grupo musical uma conexão com cultura negra periférica e com a realidade do jovem negro nas periferias do país, por isso o encerramento do documentário se concentra em um esforço de contextualização da realidade brasileira. O grupo e suas músicas têm uma importância na história da indústria cultural nacional, mas vão além disso, possuem uma matriz identitária, uma vez que se configura como "música dos pretos, de preto pra preto".

Se pegarmos de exemplo o final do documentário *Os 4 Paralamas* (Roberto Berliner e Paschoal), o encerramento do documentário foca nas lições aprendidas pelos integrantes ao longo dos anos, a importância da amizade e da colaboração dentro do grupo. Ao final, o documentário transmite uma sensação de celebração e de gratidão, ao mesmo tempo em que apresenta a importância do legado da banda para o rock brasileiro e sua capacidade de seguir inovando. Obviamente é um outro gênero musical e outra banda, mas não é arriscado afirmar que este é um movimento possível de se imaginar em outros documentários musicais. É verdade que não há uma fórmula, no entanto, documentários que abordam a trajetória de um grupo musical buscam geralmente uma narrativa cronológica. Em *Racionais MC's das ruas de São Paulo para o Mundo* até existe uma cronologia nos sendo apresentada, mas a diretora opta por marcar a história do grupo sob a perspeticva da questão racial, o quanto o sucesso e as polêmicas do Racionais MC's estiveram e estão atreladas à negritude e à forma violenta como a sociedade brasileira expressa o racismo contra o povo negro.

Anais de Artigos
VII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

Na fala da empresária Eliane Dias, já próximo do encerramento do filme, fica expresso esse tom do documentário: “A cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil, é uma mãe que chora pela perda de seu filho”. Esse depoimento é acompanhado de áudios de notícias sobre homicídios e agressões contra a população negra. Ao mesmo tempo ouvimos como trilha uma música de candomblé que ressoa ao fundo, que se torna um elo entre o passado ancestral e a resistência do povo negro na atualidade, simbolizando a força espiritual dos negros frente a tantas adversidades.

O DJ KL Jay fala que os negros estão em território inimigo e que conforme a escalada social é mais forte maior é o inimigo. Neste momento do filme, a diretora escolhe uma reportagem sobre o homicídio da vereadora Marielle Franco, assassinada em 2018, para simbolizar essa ascensão social do negro e o perigo eminente.

Segundo o músico Mano Brown, na década de 1970 os negros estavam construindo seus próprios rituais de resistência, com os cabelos e as expressões culturais da época, em meio a um Brasil que silenciava e marginalizava suas vozes. Hoje, a música dos Racionais se torna a continuidade desse grito, como Edi Rock afirma no final do filme: "A gente canta a liberdade que já vem da África e é muito rica".

Para DJ Kl Jay, a música dos pretos carrega um componente espiritual profundo, como uma arma de força. Para o rapper Mano Brown, a motivação de sua luta vem de um lugar visceral: a raiva, o ódio e a fome. Gerados pela exclusão e pela opressões constantes.

Nos momentos finais, a música *Negro Drama*, que se tornou um hino para muitos jovens negros nas periferias, daqueles que vêm de baixo, da lama e sobe o asfalto ecoa como um grito de resistência no documentário. Os jovens cantando com orgulho de sua negritude é uma afirmação de que a luta continua, mas também uma celebração da força coletiva, da união e da resistência negra. As cenas contêm imagens de arquivo de apresentações do grupo ao longo desses 30 anos de carreira mostrando como a música é atemporal e como ela atravessa gerações. A própria Juliana Vicente disse na entrevista a *ELLE Brasil (2022)* que essa é a letra favorita dela e que no filme “deixei bem claro minha preferida. É “Negro drama”.

Anais de Artigos
VII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

O final do documentário contém uma frase do rapper Mano Brown que também está presente no inicio do filme: "Você é um sobrevivente do massacre, de um genocídio, naturalmente mais forte, sobrevivente do transporte transatlântico, que não virou comida de tubarão, seu ancestral foi forte, sozinhos somos fracos, unidos somos foda…", e cenas de manifestações antirracista de que a luta está sendo feita e estamos resistindo.

Como resultados dessa análise foi possível verificar que o documentário sobre o grupo Racionais MCs vai além de uma simples narração da trajetória musical do grupo, mas se aprofunda nas questões sociais e raciais que marcam a história e a realidade dos integrantes, enquanto homens negros.

Ao longo do filme, o tema da negritude é tratado de forma contundente, cenas com os jovens se sentindo orgulhosos de serem negros, refletindo as vivências de um grupo que se formou e se consolidou no contexto de desigualdade racial e da violência urbana. Através das músicas e das experiências de vida dos integrantes, o documentário evidencia a luta contra o racismo, a repressão policial e a marginalização das populações negras. O filme não apenas celebra a carreira dos Racionais MCs, mas também se configura como um importante relato sobre as dificuldades enfrentadas pela população negra no Brasil, tornando-se um poderoso testemunho da resistência cultural e política que marca o trabalho do grupo. De acordo com DJ KL Jay, a música dos Racionais é a forma deles fazerem política e, além disso, trata de um trabalho social.

Referências

AUMONT**,** Jacques. MARIE, Michel. **A Análise do Filme.** Tradução: Marcelo Felix. Rio de Janeiro: Texto e Grafia, 2013.

DURÃO, Gustavo de Andrade. **A construção da negritude:** a formação da identidade do intelectual através da experiência de Léopold Sédar Senghor (1920-1945). 2011. 151 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: https://hdl.handle.net/20.500.12733/1615374. Acesso em: 3 out. 2024.

FERREIRA, Ligia F. **“Negritude”, “negridade” , “negrícia”: história e sentidos de Três conceitos viajantes.** Via Atlântica, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 163–184, 2006.Disponível em:https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50048..Acesso em: 4 out. 2024.

_____**“Negritude”, “negridade” , “negrícia”: história e sentidos de Três**

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

conceitos viajantes. Literafro - O portal da literatura Afro-Brasileira Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, 2021. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/153-ligia-f-ferreira-negritude-ne gridade-negricia. Acesso em: 4 out. 2024.
GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **O insulto racial: as ofensas verbais registradas em queixas de discriminação**. In: Estudos Afro-Asiáticos, nº 38. Dez./2000. Disponível em:https://doi.org/10.1590/S0101-546X20000002000020002. Acesso em: ago:2024

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução: Tomaz Tadeu da Silva & Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

MUNANGA, K. **NEGRITUDE E IDENTIDADE NEGRA OU AFRODESCENDENTE: um racismo ao avesso?**. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), *[S. l.]*, v. 4, n. 8, p. 06–14, 2012. Disponível em: https://abpnrevista.org.br/site/article/view/246. Acesso em: 3 out. 2024.

MORISAWA, Mariane. **Documentário dos Racionais MC's chega à Netflix.** ELLE Brasil.Disponívelem:https://elle.com.br/cultura/documentario-dos-racionais-mcs-chega-a-netflix ?srsltid=AfmBOor5iETuk7mS_-YqJ5DqGVx6mAUuq_uB8qBw5wG5COW6WpIF-IqB. Acesso em:14 Nov. 2024.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado** / Abdias Nascimento. - 3.ed. - São Paulo: Perspectivas, 2016.

PINILLA, Natalia. **A Música na Tela: (Est)éticas na representação de universos musicais no documentário musical.** 2013. 95f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade). Instituto de Humanidades, Artes e Ciências. Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação de Cultura e Sociedade, 2013. Orientador: Prof. Dr. Carlos Bonfim.Disponivel:https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/12784/1/disserta_natalia_rueda.pdf. Acesso em: jun. 2024.

Racionais das de São Paulo para o Mundo. Direção: Juliana Vicente. Produção Preta Portê Filmes. Brasil: Netflix, 2022. Streaming Netflix.

VANOYE**,** Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Tradução: Marina Appenzeller. ed. 2. Campinas: Papirus, 2002.